



F.A.R.J.
ANO 14
No. 125
JUL-AGO/2004

LIBERA

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h no IFCS/UFRJ. Largo de São Francisco 1, (pátio) - Centro
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

UMA ESPERANÇA EM TEMPOS SOMBRIOS

A Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ) cede prazerosamente a primeira página do Libera para a divulgação e o fortalecimento da proposta de criação do Movimento Estudantil Libertário, sabendo da importância desta iniciativa. Recordamos que há 35 anos, no rastro do famigerado AI-5, diversos/as membros do MEL (Movimento Estudantil Libertário) foram presos e torturados após o fechamento do CEPJO (Centro de Estudos Prof. José Otílica) pelos milicos da Aeronáutica. Nossa melhor homenagem à luta e ao sacrifício desses companheiros e companheiras é o apoio à consolidação de um novo MEL.

Dominado e fortemente enfraquecido pelas táticas sujas e oportunistas dos partidos políticos que buscam controlar as entidades e dirigir as lutas para seus próprios fins e interesses, assim como pela lógica concorrencial do sistema capitalista que transforma as pessoas em seres humanos egoístas e individualistas que pensam apenas nos seus interesses pessoais, o movimento estudantil hoje enfrenta enormes problemas e barreiras que tentam retirar o seu caráter combativo e de resistência, alienando assim o seu real sentido.

O Brasil, seguindo as necessidades de reestruturação do sistema e obedecendo à risca as ordens das fundações multilaterais, como o FMI e o Banco Mundial, vem aprofundando o projeto neoliberal, o sucateamento da educação pública e a privatização do ensino. Foi assim durante toda a década de 90 e está sendo intensificada pelo governo Lula, que aplica as reformas que FHC não conseguiu concluir, como a reforma universitária. Diante disso, qual a grande manifestação estudantil que tivemos? Que grande resistência tivemos contra a reforma privatizante do governo? Nenhuma, pois como as entidades e as lutas hoje servem aos interesses partidários, elas não refletem os verdadeiros interesses dos estudantes e não servem como instrumento autônomo de luta. Os grandes exemplos deste aparelhamento são as entidades gerais dos estudantes como a UNE e a UBES, que refletem apenas os interesses do PCdoB e do governo, e a luta contra a reforma universitária, que virou um campo de batalha entre o PSTU e o

PSOL na disputa pela direção do movimento e por novos militantes, tratando os estudantes como meros objetos de conquista para seus partidos.

Dentro desse quadro de lutas políticas e partidárias, e entendendo o movimento estudantil ainda como um meio de luta e transformação social, buscamos novas formas de atuação e de organização, que ampliem a participação e o poder de decisão dos estudantes, tendo como princípio as decisões pela base e a gestão e ação direta dos estudantes, organizados num modelo autogestionário de democracia direta e de base.

Entendemos que, por vivermos em uma sociedade hierárquica e autoritária, qualquer modelo de organização descentralizada que se baseie na liberdade e no apoio mútuo, que fuja dos tradicionais modelos com diretorias centralizadoras e autoritárias, é logo “satanizado” e colocado como mal a ser combatido, principalmente pelos partidos políticos que utilizam das direções para se autoconstruírem e vêem na

autogestão uma ameaça a perda do controle das entidades.

Para nós, no entanto, a única chance do movimento estudantil se fortalecer neste momento é, justamente, essa “desordem”, que permite a todos falar e agir livremente, e que pode levar a uma certa forma de auto-organização e uma maior mobilização. Não devemos nos opor à sociedade capitalista imitando todos os seus esquemas de organização, reproduzindo tudo que combatemos e queremos destruir. Por isso estamos criando uma nova organização estudantil, buscando construir um movimento diferente e que tenha como objetivo a reforma total da universidade e da escola, das suas estruturas, de seus espíritos, de suas finalidades, e a transformação radical da sociedade capitalista.

Rejeitamos essa forma de movimento estudantil que se limita as questões meramente estudantis e acadêmicas. Um movimento estudantil que não inclua a classe trabalhadora não representa as massas, e nunca poderá alcançar reais transformações no sistema educacional. Os estudantes universitários que se revoltam buscando apenas seus interesses, fazem-no para conservar privilégios que eles perdem momentaneamente com uma transformação da sociedade.



“Somos aquilo que fazemos, mas principalmente, somos aquilo que fazemos para mudar o que somos”

Eduardo Galeano

Nós não abandonamos as questões puramente estudantis, mas o melhor meio de por em jogo o atual sistema educacional é intensificar o movimento social e a união com a classe trabalhadora. Daí a possibilidade de se desenvolver um movimento que permita a tomada de consciência dos estudantes e da população em conjunto. Através do poder estudantil queremos introduzir a contestação permanente, levando a crítica a toda estrutura social e a todo o modelo educacional, desde as salas de aulas onde prevalecem o autoritarismo do professor e dos métodos de aprovação, às grandes lutas de rua que envolvem todo o movimento social. A única mudança que nos interessa é a revolucionária, aquela que atinge toda a sociedade. E como estamos dentro da universidade e da escola, é nelas onde lutamos, mas sabemos que tudo está vinculado entre si, daí a necessidade que temos de expandir a nossa ação.

Abandonamos a teoria da “vanguarda dirigente” para adotar uma outra—muito mais simples e muito mais honesta— a da **minoría ativa**, que desempenha o papel de um fermento permanente,

empurrando à ação, sem pretender dirigir, sem procurar canalizar, e sem utilizar em seu proveito a ação desencadeada. Com as ações de uma minoria ativa ajudando— a espontaneidade reencontra seu lugar no movimento social, e é ela que permite um empurrão para frente, e não as palavras de ordem de um grupo dirigente.

Não querendo mais ser instrumentos passivos nas mãos dos velhos dirigentes, e vendo que a única forma de reverter esse quadro de partidização e passividade é se organizando, convidamos todos os estudantes que ainda acreditam no movimento estudantil e que queiram construir uma alternativa à essa escola para futuros políticos a qual foi transformado o movimento, a construir uma nova organização, sem hierarquia, composta por estudantes livres e ativos que acreditam na luta como caminho para transformações e mudanças.

Comissão **Pró-Movimento Estudantil Libertário**
Contatos: Cx. Postal 15.001; CEP 20155-970; Rio/RJ

Os Desafios para Militância Anarquista na Amazônia

Em geral, quem se propõe a seguir por onde os caminhos levam, necessariamente não possui direcionamento próprio. Assim, o modo indiferente com que lidamos com nossas ações gera, por si, desperdício de forças. Na dinâmica das lutas sociais é possível tirar muitas lições, onde quem retrai muitas vezes não esta sendo covarde, mas aprimorando e aglomerando energia necessária para avançar na luta revolucionária. Na displicência de sempre, obtém-se o velho hábito de não nos dispormos a uma leitura concreta do meio pelo qual estamos inseridos. Na construção do pensamento libertário atual nos deparamos diuturnamente com essas querelas e tampouco se deu importância às questões relativas ao estudo das características locais onde se ficam bases de luta.

Em se tratando de Região Amazônica, esta dimensão de idéia ganha aspectos amplos e específicos. Com o inchaço demográfico gerado na intensa ocupação ocorrida com a abertura de rodovias e impulsionada, sobretudo, pelas políticas governamentais (vide *Programa de Integração Nacional* – PIN) do regime militar nas décadas de 60, 70 e 80, as premissas erguidas em torno do “progresso” da Amazônia produziram “justificativas legais” à expansão do capital estrangeiro, seguido da implantação dos grandes projetos na região. É na contradição entre “desenvolvimento” e “sustentabilidade” que o contexto amazônico se define como espaço geográfico de conflitos, o antagonismo entre os povos tradicionais amazônicos e os interesses capitalistas de progresso se inserem como duas partes insolúveis e inconciliáveis. As cangas que se arregimentaram em torno dos povos amazônicos ainda permanecem sob o manto do obscurantismo, renegadas ao descaso e a indiferença, tendo, nesse ambiente, os poderes locais (oligarquias) como os que predominam e dão a ultima palavra, arraigando, assim, as peias sociais sustentadas, de certo, nos pilares do assistencialismo arcaicos e subsidiados pela miséria, comum em muitas comunidades amazônicas. O processo pelo qual se deu formação do povo amazônico é reconhecidamente de dor e manchado de sangue. Diferentemente de outras regiões do Brasil, as lutas se deram em

torno das disputas territoriais. Em toda a região amazônica foram obedecidos critérios peculiares ao estabelecimento das estruturas de poder local e, prioritariamente, transnacional. Por assim mesmo, o chamado “progresso” na Amazônia carrega em seu bojo toda uma trajetória em que o capital estrangeiro ganha prioridade em detrimento das populações (caboclas e indígenas) locais, ocasionando, por esse aspecto, uma grave erosão social. Em meio à consistência dos contrastes sociais desenvolvidos ao redor dessa desagregação generalizada, obtemos indicativos sócio-políticos dentre os quais temos uma faca de dois gumes, cravada na incerteza de se construir uma luta capaz de conciliar organização popular às peculiaridades e dificuldades desta região. Ao contrário do que se pensava, a proposta libertária na Amazônia encontra amparo e ambiente propício para sua prática orgânica, tendo em vista que, historicamente, está região esteve viva em diversas atitudes de rebeldia e resistência (vide resistência indígena, quilombos, Cabanagem, Guerrilha do Araguaia, etc) em que as articulações das lutas estiveram essencialmente voltadas às lutas populares.

Intimamente, os povos amazônicos ainda permanecem aureados pela sua natural ingenuidade, sugerindo uma fragilidade capaz de possibilitar ambiente propício a especulação internacional. Socialmente, o espaço amazônico se vê frente a uma elite estrangeira, cuja composição se vincula ao que se definiu pelos pilares nacionais de “Ordem e Progresso”. Frente à natureza de contrastes, as dificuldades encontradas se definem em elementos firmes da herança colonial histórica dos que aqui se estabeleceram, enquanto forças hegemônicas de poder.

É nesse sincretismo cultural, peculiar em toda a Amazônia, que se constituem os principais desafios ao desenvolvimento de uma linha de ação essencialmente anarquista. As disparidades comuns, tanto nas etnias como no bioma total amazônico, se agregam numa espécie de colcha de retalhos sem fim, onde a necessidade de se inserir junto ao trabalho de educação e inserção na base das organizações populares constituem como organismo de luta à uma organização especificamente anarquista, em seu caráter popular e caboclo. Na Amazônia o poder econômico é direcionado a especulação do capital estrangeiro, enquanto que a estrutura política se restringe as elites locais, subservientes e alheios à problemática regional.

Hoje a Região Amazônica se depara frente a outras formas de ameaça, que evidentemente enfeixam-se em outras formas de luta. Com o avanço do cultivo de soja, da monocultura do eucalipto, abertura de pastos para pecuária e o alavancamento dos grandes projetos hidrelétricos e minerais, é sentido na pele o quanto que a articulação das forças populares devam se direcionar a convergência

Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 4,00).

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o Libera, Apoie a imprensa libertária!

de forças junto com os demais setores de defesa regional da Amazônia.

O desafio posto aos anarquistas na Região Amazônica consiste em saber organizar as massas populares e possibilitar credibilidade na consistência dos ideais libertários como forma confiável de gestão popular. Inúmeras são as frentes de luta. Onde houver resistência popular é preciso que o foco libertário esteja presente.

Certamente o processo de atuação social não pode ser feito a partir de nossos próprios umbigos e trabalhar com essa realidade de

elementos é estar comprometido com o caminho a que se propôs a seguir, seja ele trabalhado na região Amazônica ou em outra região dos pais, numa integração, dia a dia, necessária à construção de um socialismo especificamente libertário.

Reginaldo S. Fernandes (Imperatriz/MA)

reginaldo@riseup.net

O Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro

Homenagem ao CEPJO, ao MEL e a todos os companheiros e companheiras anarquistas presos, perseguidos e torturados pela ditadura militar.

A repressão aos anarquistas

Há 35 anos, no dia 11 de outubro de 1969, a sede do *Centro de Estudos Professor José Otílica* (CEPJO, fundado em 7 de março de 1958), localizada à Av. Almirante Barroso, 6/1.101 (antiga sala de aulas de José Otílica), foi arrombada e invadida por militares da Aeronáutica, que além de apreenderem equipamentos e publicações, destruíram o mobiliário e tudo aquilo que não puderam levar. Na véspera, os milicos haviam invadido e saqueado a casa de Ideal Peres e Esther Redes, no Leme, levando além de centenas de publicações libertárias, outros “materiais subversivos” como dinheiro, jóias, perfumes, tapetes, quadros, roupas e bebidas alcoólicas. No dia 15, era a vez da residência de Pietro Ferrua e da Editora Germinal, de Roberto das Neves, onde foram apreendidas mais publicações e, para não perder o hábito, roubado tudo aquilo de valor que puderam encontrar. Outras residências de companheiros tiveram o mesmo destino.

No rastro das invasões e saques, as prisões iam sendo efetuadas. No dia 1º de outubro, haviam sido presos três jovens frequentadores do CEPJO (um deles soldado da Aeronáutica), que submetidos a maus tratos, forneceram os nomes dos outros participantes do CEPJO. A partir do dia 8, foram detidos Antônio da Costa e seus três filhos, Eliza, Roberto e Antônio, membros do *Movimento Estudantil Libertário* (MEL), sendo que o último recebeu choques elétricos; Carlos Alberto da Silva, estudante de Medicina, torturado com choques e espancamento; Mário Rogério Pinto e Maria Arminda Silva, ambos do MEL; Rui Silva, de 17 anos, que foi espancado e obrigado a assinar um depoimento sob a mira de armas. Roberto das Neves e Pietro Ferrua permaneceram presos por uma semana; Ideal Peres entre 8 de outubro e 1º de novembro nos tenebrosos centros de tortura da Base Aérea do Galeão e da Rua Barão de Mesquita; e Manuel Ramos, Fernando Neves, Edgar Rodrigues, Esther Redes, Paulo Fernandes da Silva e outros foram detidos por algumas horas para deporem.

Foi então instaurado pela Aeronáutica um Inquérito Policial Militar (IPM) contra 16 companheir@s, acusad@s de atividades subversivas no âmbito do CEPJO e do MEL. Foi ainda sugerido pelo encarregado do processo a abertura de IPMs nas cidades onde foram registrados contatos com os anarquistas cariocas, como São Paulo, Porto Alegre, Ribeirão Preto, Belém, Salvador, Rio Claro, Araçatuba, Bebedouro e Catanduva. O processo estendeu-se até o início de 1972, quando tod@s @s acusad@s foram absolvid@s por falta de provas.

O CCS/RJ

Após 35 anos do fechamento do CEPJO, finalmente temos um local onde podemos tocar nossos projetos comunitários e culturais com autonomia. A grande casa da Rua Torres Homem, 790, no tradicional bairro de Vila Isabel, já é o nosso local. Estamos em processo de regularização do *Centro de Cultura Social* (CCS/RJ),

que havia sido “fundado” em setembro de 1991, mas que nunca chegou a se concretizar. Agora temos essa chance! A *Biblioteca Social Fábio Luz* (BSFL) já funciona no local desde 2001, bem como o projeto de fabricação de bolinhos, nosso principal projeto comunitário.

O projeto AJAM (*Associação de Jovens Aprendizes e Mestres*) foi iniciado pela administração anterior do local, e consiste na capacitação e geração de renda a jovens estudantes das comunidades carentes próximas (principalmente da favela do morro dos Macacos) através da fabricação e venda de bolinhos de variados sabores (laranja, milho, chocolate, baunilha, côco, etc.) para a comunidade local. A partir de nossa entrada definitiva no local, modificamos inteiramente a estrutura do projeto, passando para @s jovens a (auto)gestão da atividade. Atualmente, são estes que decidem tudo no cotidiano e em reuniões quinzenais, onde nossa participação se restringe a uma orientação não impositiva. A capacitação, hoje, não se restringe apenas ao aprendizado de uma atividade laboral, mas da prática da autogestão desta atividade, bem como da responsabilidade individual e coletiva. A nós consiste em dotar o projeto da infra-estrutura necessária ao seu bom funcionamento, tal como os equipamentos (fornos, batedeiras, bicicletas para a distribuição, etc) e bancar o consumo de água, gás e eletricidade. A compra de insumos para a produção (farinha, açúcar, margarina, sucos e essências, sacos, etc) cabe aos jovens, que a cada 15 dias dividem igualmente entre si o excedente de dinheiro obtido. Conclamamos tod@s a virem conhecer o projeto e a comprar os bolinhos (R\$0,40 cada) para consumo próprio ou para revenda.

Outro projeto importante em implantação é o de reaproveitamento de embalagens tipo PET (refrigerantes) e *Tetrapack* (leite, sucos), tocada pelo companheiro Murilo “Berimbau”, que montou uma oficina de reciclagem no pátio dos fundos do local. Trata-se de um projeto da maior importância, tanto pelo fato de retirar do ambiente produtos que iriam fatalmente poluir o solo e os cursos d’água, como pela possibilidade de geração de renda para as pessoas das comunidades carentes próximas, que aprenderão a reutilizar essas embalagens para variados fins, tais como a fabricação de móveis (sofás, mesas, puffs), vassouras, brinquedos, artesanato, cortinas, etc.

A *Biblioteca Social Fábio Luz*, conforme temos freqüentemente informado no Libera, já possui um considerável acervo disponível ao público, que através de uma módica taxa de manutenção mensal de R\$4,00, pode pegar emprestadas publicações não apenas relacionadas a temática libertária, como literatura e poesia nacional e estrangeira, filosofia, história do Brasil e universal, etc. A BSFL procura resgatar o espírito dos antigos ateneus operários e bibliotecas sindicais do início do século passado, onde trabalhadores e estudantes podem adquirir conhecimentos não difundidos pelas escolas, universidades e pela mídia oficial, procurando se capacitar para os embates de idéias e lutas que temos travar hoje e no futuro. A BSFL funciona aos sábados, entre 9:00 e 17:00h, sendo que futuramente estaremos implantando plantões durante a semana.

No âmbito da BSFL, estamos articulando a criação do *Núcleo de Pesquisa Marques da Costa* (NPMC), cujos objetivos são o resgate da história do anarquismo no Rio de Janeiro; o apoio a pesquisadores do anarquismo e dos movimentos sociais; oferecer palestras e cursos de formação em sindicatos, associações, escolas e universidades; a produção de uma revista histórica e, em 2005, quando completará uma década do falecimento do companheiro Ideal Peres, de um livro sobre a sua trajetória e a do movimento anarquista nos últimos 50 anos no Rio de Janeiro.

Destacamos também a cessão de uma sala ao *Grupo Luz do Sol*, que trabalha há alguns anos com o letramento (reforço escolar) de crianças carentes, atividade esta que se encaixa integralmente na orientação que queremos dar ao futuro CCS/RJ, ou seja, um espaço vivo e ativo de inserção na comunidade local.

O *Centro de Cultura Social* do Rio de Janeiro, apesar de já estar em funcionamento, será “oficialmente fundado” após o *Colóquio Internacional Libertário*, que ocorrerá em meados de setembro próximo. Os nossos projetos estão aí para tod@s aquele/as que quiserem apoiar ou participar de forma séria e comprometida

com a construção cotidiana da Revolução Social. Novos projetos e iniciativas também são bem-vindos, e estamos esperando para ouvi-los e partilhá-los.

“Entendemos que, como trabalhadores, devemos pautar nossa intervenção a partir de nossa própria realidade social, tendo por base as lutas que enfrentamos em nosso cotidiano. Entretanto, tendo em vista que nós, anarquistas, consideramos que a atuação política passa por um comprometimento maior com as causas sociais, devemos buscar sempre relacionar nossa própria prática militante com as diversas manifestações das lutas populares. Portanto, acreditamos que qualquer manifestação neste sentido nos campos social, cultural, do campesinato, sindical, estudantil, comunitário, ecológico, etc desde que inseridas no contexto das lutas pela Liberdade, contemplam a nossa prática política de Inserção Social.”

(Prática Política e Inserção Social, Carta de Princípios da FARJ, agosto/2003).

.....Notícias Libertárias.....

Visita: Recebemos com muita alegria no final de julho a visita do companheiro Ignacio de Llorens e de sua companheira Manuela, que passaram alguns dias agradáveis e proveitosos conosco. Ignacio é militante anarquista e professor da Universidade de Balleares (Espanha), tendo escrito livros sobre o anarquismo na Espanha e na Rússia. O companheiro, que possui uma semelhança física incrível com o velho Mikhail Bakunin, proferiu na UFF (Niterói) uma concorrida palestra sobre a Revolução Espanhola, organizada pela *Grupo de Estudos do Anarquismo* (GEA-NEC/UFF), com apoio da FARJ. Ignacio e Manuela visitaram a Biblioteca Social Fábio Luz, os projetos comunitários desenvolvidos pela FARJ em Vila Isabel, e puderam conhecer o Rio de Janeiro em sua estação mais agradável. Seguiram posteriormente para São Paulo (onde Ignacio fez palestra do CCS), Foz do Iguaçu e Salvador, onde estiveram com os/as anarquistas soteropolitanos. Até a próxima e voltem sempre!

Desde Alagoas: O *Coletivo Anarquista Zumbi dos Palmares* (CAZP) vem publicando o *info/zine Feijão Revolução*, com textos excelentes, que demonstram a vontade destes compas em atuar juntos aos oprimidos: “A inserção junto as camadas populares deve vir como catalisador para sua auto-organização, não caindo no dirigismo e/ou reformismo que faz a esquerda se confundir com a direita, quando não se alinha a ela”. Contatos através do e-mail: cazpalmares@hotmail.com.

Maranhão na luta: Recebemos a boa notícia da formação em São Luís do *Coletivo Anarquista Organizado* (CAO/MA), que solicita às outras organizações libertárias o estreitamento dos laços. Segundo seu documento de apresentação, o CAO acredita “que na atual conjuntura se faz necessário à organização de grupos libertários que trabalhem junto aos movimentos sociais tendo como diretriz um programa/plataforma organizacional comum, com o objetivo de contribuir para o surgimento de novas formas de organização baseadas no apoio mútuo e na liberdade do indivíduo”. Contatos:

Cx. Postal 306; CEP 65001-970; São Luís/MA ou coletivoanarquista@hotmail.com.

Ceará também!: O *Coletivo Ruptura*, que edita o boletim *Coluna A*, e o *Coletivo Lua*, que edita o *info Libido*, estão para fundar em Fortaleza o *Espaço Cultural Comuna Libertária*, cujo amplo local no bairro de Porangaba propiciará o desenvolvimento de diversos projetos, tais como biblioteca/videoteca, palestras e seminários, oficinas várias, venda de materiais, trabalhos comunitários, etc. A FARJ deseja vida longa ao *E.C. Comuna Libertária*. Para contatos e apoio, escrevam para Cx. Postal 2501; CEP 60721-970; Fortaleza/CE ou comunalibertaria_@hotmail.com.

E os potiguares idem!: Em Natal, além das atividades do *Grupo de Estudos e Atividades Anarco-Punks* (GEAAP) e do *Grupo Afim*, está se organizando uma Biblioteca Social, que precisa de apoio através do envio de livros, periódicos e quaisquer material libertário. Contatos com Rômulo; Rua dos Paiatis, 1835; Quintas; CEP 59037-150; Natal/RN.

Pétala Negra: O jornal *Pétala Negra* pretende ser mais um veículo da mídia libertária, abordando assuntos econômicos, sociais, políticos e culturais, dando maior enfoque as questões regionais, mas não deixando de lado o global. O *pétala negra* é feito e mantido de maneira independente pela RLBS (Rede Libertária da Baixada Santista). O periódico é bimestral, tem 8 páginas, formato tablóide e tiragem de 4 mil exemplares. A idéia é que o periódico não seja restrito ao meio libertário, mas que possa levar a crítica e alternativa anarquista a outras pessoas. Cada exemplar custa R\$0,50 e o pacote de apoio com 50 jornais custa R\$10,00 (em mãos) ou R\$17,00 (pelo Correio). A assinatura anual, que dá direito a 6 edições é de R\$10,00; para 6 edições de pacotes de 50, O custo é de R\$90,00. Contatos para redelibertaria_bs@yahoo.com.br ou Cx. Postal 99; CEP 11010-970; Santos/SP.



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 • A RESSURGÊNCIA. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ • LETRALIVRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ • COL. DOMINGOS PASSOS. CP 100670. CEP 24001-970. NITERÓI/RJ • CCS. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP • ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP • TERRA LIVRE. CP 1731. CEP 01009-970. SÃO PAULO/SP • COMLUT. CP 768; CEP 13001-970. CAMPINAS/SP • MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA • APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA • NUELCA. CP 14. CEP 48000-970. ALAGOINHAS/BA • FCL. CP 10.115. CEP 58109-970. CAMPINA GRANDE/PB • MAP/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA • FAG. CP 5036. CEP 90041-970. PORTO ALEGRE/RS • CCL • SINTROV. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉMPA • CL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT • CNA. CP 294. CEP 01059-970. SP/SP • CRAP. CP 584. CEP 14801-970. ARARAQUARA/SP • OPÚSCULO LIBERTÁRIO. CP 15. CEP 11401-970. GUARUJÁ/SP • AFIM. CP 2744. CEP 59022-970. NATAL/RN • COMLUT • CCL-FL. CP 88. CEP 44001-970. FEIRA DE SANTANA/BA • MOTIM. CP 77. CEP 29146-970. CARIACICA/ES • RLBS. CP 99. CEP 11010-970. SANTOS/SP • GASA. CP 11. CEP 29390-970. IJUA/ES • CCMA. CP 665. CEP 01059-970. SÃO PAULO/SP • BARRICADA LIBERTÁRIA. CP 5005. CEP 13036-970. CAMPINAS/SP • COL. LUA. CP 2501. CEP 60721-970. FORTALEZA/CE